

A Fangureira

POLA LEY E POLA GREY
QUINZENÁRIO REGIONALISTA

Director: ANTÓNIO CARLOS ESTEVES

Editor: C. HIPÓLITO REIS

Administrador: ARMANDO SARAIVA

Proprietários: António Carlos Esteves, C. Hipólito Reis, Armando Saraiva e Albino Pedrosa Campos

Redacção e Administração: Rua Azevedo Coutinho
F A O

Composição e Impressão: Tipografia «Vitória»
BARCELOS — Telefone 875

Da rixa e suas consequências

Por A. SARAIVA

LONGE de procurar fundamentação filológica ou filosófica para explicar o termo rixa, ele nos evoca imediatamente uma cena do quotidiano em que duas mulheres, gritando e ralhando, se esforçam por arrancar os cabelos mutuamente.

Desprezando a determinação dos intervenientes, a rixa consiste fundamentalmente na intenção de duas partes se maltratarem uma à outra, sendo assim universalmente denominada sempre que o pressuposto de normalidade intelectual assista às partes em questão.

Assim, esta agitação verifica-se com frequência no campo jornalístico; ou melhor, há uma generalizada tendência de escrever para os jornais as ideias que atacam posições de outrem e defendem intenções próprias. Temos a chamada polémica que é, afinal, uma discussão transitada para um mais vasto auditório ou seja, para o jornal. Radica esta atitude numa extensão natural de desabafo que a muitos domina, quando pretensamente se julgam lesados ou ofendidos por alguém.

Com mais propriedade, porém, vamos precisar aqui a noção polémica; há a polémica mais directamente ligada com a discussão de saberes; temos desse exemplo as grandes discussões que por vezes surgem entre sábios e escritores. Quando a estas divergências de pensamento de ordem estética, religiosa, política, económica, científica e social serve de suporte uma recta intenção de atingir a verdade, elas resultam úteis e aproximam-se, pelo menos, do fim em vista. St. Agostinho, a figura mais proeminente do período conhecido pela Patrística, converteu inúmeros filósofos contemporâneos através de seus escritos, quase todos de carácter polémico.

E há aquela polémica que tem por objectivo o acinte, o desforço pessoal e que resulta ordinariamente inglória para os beligerantes, havendo quase sempre o infalível lavar da roupa suja. É sobretudo a esta forma de rixa, constantemente verificada na nossa terra, que nos queremos referir.

Com efeito, se nos entretivermos a folhear os jornais que já existiram na

terra de Fão ou a ela se referiram, constatamos, sem surpresa, uma enormidade de polémicas deste teor. Felizmente que o fenómeno não é específico à vila fangureira. Se ele se repetiu, porém, com mais frequência entre nós, em relação aos povoados limítrofes, deve procurar-se a causa na multiexistência de «intelectuais» aqui radicados.

Os motivos são vários; a olho desarmado devem a proveniência ao acendrado bairrismo que parece abundar no coração dos seus naturais.

Como em outro número afirmamos já, a maior parte da gente de Fão não é bairrista no sentido puro da palavra. Para o ser, torna-se necessário possuir os seus pressupostos: nobreza de carácter e a percepção do todo que Fão encerra. Ser bairrista não é ser muito amigo dos Bombeiros e atacar outras Instituições; não é ser partidário de uma dada facção e odiar as restantes. O bairrismo implica a superação destas limitações.

Elas derivam portanto de uma deformação de amor à terrinha.

(Continua na página 2)

IN MEMORIAN

P.ª JOB TEIXEIRA

MORREU o Padre Job. Foi mais uma das pessoas fanguireiras de valor que desapareceu.

Era um fangureiro bairrista, muito dedicado a Fão, vivendo todos os seus problemas, tendo bem presentes as suas necessidades. Lembro-me, que aquando do início das obras do Hotel Ofir, foi apelando para o seu bairrismo, para o progresso de Fão, que aquiesceu em ceder uns terrenos que possuía perto do mar. Foram muitos os fanguireiros que em Braga se lhe dirigiram solicitando os mais diversos obséquios. A todos atendia, directa ou indirectamente, sem alardes, sem gestuária vaporosa, com discreta afabilidade.

Era um carácter nobre, de temperamento calado e de coração altruista.

Não me consta que tivesse exercido qualquer cargo em Fão. Essa intransigente atitude, longe de expressar abandono ou desinteresse, radicava no receio, aos íntimos confidenciado, da crítica e mal agradecimento da gente fangureira. Igual atitude tem-na tomado muitos conterrâneos que um dia, com idealizado fervor, se dedicaram a servir uma das várias instituições de Fão; ódios pessoais, críticas inconscientes e campanhas de fim determinado fizeram-nos retroceder e deixar que os naturais de Fão se degladiem continuamente, em mesqui-

nhas lutas fratricidas que sempre resultam em prejuízo do bairro, pelo menos no abandono desses mesmos valores.

Disseram os jornais diários, e outros confirmaram depois, que era um bondoso sacerdote. Esta forte verdade, exacta, nem todos a atingiram na sua extensão. O saudoso Padre Job era uma pessoa essencialmente bondosa, estruturalmente boa, franco, amigo do seu amigo, homem de carácter, mas cujos elevados sentimentos trazia comprimidos numa máscara séria, rude, muito distante daqueles rostos seráficos, risos e falas melifluas, que abafam, quantas vezes, ódio, velhacaria e acentuada despersonalidade.

Como antigo seminarista posso confirmar as altas qualidades, qualidades que valem porque existem no profundo da personalidade e não porque

(Continua na página 2)

Artur Sobral

De novo se encontra entre nós, desde o dia 10 de Junho, este nosso ilustre conterrâneo e querido amigo.

Seja bem vindo!

À sua espera encontravam-se, no Aeroporto de Pedras Rubras, as forças vivas do Concelho. Tal encontro, tantos e tão sinceros abraços, provocaram visível emoção no recém-chegado. Fão, na sua máxima força, e o concelho, representado por figuras gradas, encontravam-se ali presentes. Espera singela mas rica de significado, forte na intenção, expressava sem dúvida alguma o alto apreço em que eram e são tidas as qualidades de bairrismo e benemerência deste grande fangureiro.



Artur Sobral, prossiga a sua obra! Fão precisa do seu dinamismo, da sua dedicação, do seu entusiasmo. Como verificou, justiça foi feita. E sempre, estamos disso certos, assim acontecerá.

Além de sua Ex.ª Esposa Snr.ª D. Aracy Silva Sobral, que se fazia acompanhar de sua Mãe, Ex.ª Snr.ª D. Elvira Morais Silva, e filhos Daisy e Artur António, e da Ex.ª Snr.ª D. Almerinda Moledo Casanova, encontravam-se presentes, entre outros os Ex.ª Snrs.:

Dr. Agostinho da Rua Reis, Vice-Presidente da Câmara do Concelho, em exercício; Dr. Artur Jorge Barrote, Presidente da União Nacional; Dr. Eduardo Regado, Delegado do S. N. I. no concelho; Escultor António Carlos Vilachá Esteves, Comandante dos Bombeiros Voluntários de Fão e Director do nosso jornal; João Gonçalves Ferreira, Presidente da Comissão Municipal de Turismo; António Agonia Pereira, Presidente da Direcção dos B. V. de Fão; Júlio Gomes, Sócio da Ourivesaria Gomes, da Póvoa de Varzim; Vítor Marques, de Matozinhos; Eng. Armindo de Azevedo Miranda; Prof. Agostinho Gonçalves, Presidente da Junta de Esposende; António Domingos da Venda, pela Junta da Freguesia de Fão; Manuel Reis Alves, Presidente do Clube dos Gullhas de Fão; Albino Torres, Tesoureiro do Hospital Asilo S. João de Deus, em Fão; João Terra de Sá, pela Direcção dos Bombeiros Voluntários de Esposende; Dr. Albino Pedrosa Campos, Presidente do Fão Futebol Clube; Prof. Carlos de Oliveira Martins, Comandante dos Bombeiros Voluntários de Esposende; Samuel Vieira dos Santos, de Esposende; Dr. António Torres, de Apúlia; Vereador Cândido Vinhas; António de Sá Pereira; Albino Cardoso Torres; Américo Saraiva; António Cardoso Salgado Torres; António Devezas de Sá Pereira; Armando Saraiva; etc.

«Villa nuncupata fano»

4. Águas Celenas em Julian Perez

Pelo Coronel Zeferino Sequeira

DEPOIS do Itinerário de Antonino, só nos fins do século XI — princípios do século XII aparece nova referência a Águas Celenas na foz do Cávado, em uma obra sob o título de «Adversários» de Julian Perez, arcepreste de St.ª Justa de Toledo e «autor daqueles tempos», como diz frei António Brandão (Monarquia Lusitana — crónica do Conde D. Henrique).

No n.º 392 dessa obra, a propósito de uns discutíveis e muito discutidos «concllios celenenses» que se teriam congregado nos anos de 398 a 447 diz-se:

«Duae sunt in Galecia civitates dictae Aquae Celenae, altera prope Brachariam, ubi nunc oppidum Fanum, quarum meminit Antoninus in itinere litorali Brachara Asturicum, etc. Aliae sunt Aquae Celenae in Principio Conventus Bracharaensis, in litore» ou traduzindo livremente: Havia na província da Galecia duas cidades (cidades ou povoações importantes) com o mesmo nome de Águas Celenas: uma delas ficava próximo de Braga, no local onde agora está a povoação fortificada (oppidum) de Fão conforme diz Antonino, no itinerário de Braga para Astorga, pelo litoral... A outra era Águas Celenas, no princípio do convento (jurídico) bracaraense, no litoral.

Como se vê, Julian Perez, sem hesitar, «extrahiu» da vaga indicação fornecida por Antonino — de Braga a Águas Celenas, 165 estádios — os elementos informativos precisos para dizer que esta estação ou mansão era uma «civitas» (cidade ou povoação importante rodeada de muralhas), na margem es-

querda do Cávado, no local onde agora (no seu tempo) estava o "oppidum" de Fão. Não cita, nem podia citar por não a haver, outra fonte de informação; deixou-se levar, apenas, pela necessidade que tinha de "arranjar" uma povoação nas proximidades de Braga onde fosse crível ter-se realizado o "concílio" a que, anteriormente, no seu "Cronicão" aludira: "Synodus habetur prope Brachara in Galecia..."

E tanto assim deve ter sido que até dá o pomposo nome de "oppidum" ao lugarejo mais importante dentro da "villa nuncupata fano" (que era ainda uma simples propriedade rural pertencente ao mosteiro de Guimarães), na intenção evidente de estabelecer uma continuidade entre a "civitas Aquae Celenae" e o "oppidum" de Fão.

"Por esse tempo era corrente invocar a fantasia a suprir as deficiências históricas e jurídicas..." diz Fortunato de Almeida. Julian Perez também devia ter invocado a fantasia, não para suprir, mas para as aproveitar, as deficiências do Itinerário de Antonino.

Julian Perez ou outro por ele, visto que dele, como de Flavio Dexter, de S. Bráulio, Lesitprando e outros, todos autores antigos, se forjaram textos falsos que apareceram por 1619 (Fidelino de Figueiredo — Historia da Litteratura Classica) e que apesar dalguns contraditores que desde logo surgiram, foram aceites como verdadeiros por muitos outros e por estes divulgados.

Mas sejam os "Adversários" de Julian Perez (séc. XII) ou de qualquer falsário do séc. XVII, o caso não é de grande interesse; são mais cinco séculos ou menos cinco séculos de silêncio após o "Itinerario de Antonino" até ao nascimento da lenda da cidade de Águas Celenas — Fão.

Jorge Cardoso no seu "Agiologio Lusitano" (1666) em referência ao dia 10 de Junho transcreve o n.º 392 dos "Adversários" (que acima reproduzimos) e depois muito confusamente, diz-nos mais ou menos o seguinte:

Não sabe onde ficava Águas Celenas (as de Caldas de Reys). Da 2.ª (Aquis Celenis afirmam os geógrafos antigos (de mais de Juliano) que é o lugar de Fão, 5 léguas ao ponente de Braga e dez ao Norte (ao norte ou ao sul?) de Tui, que terá hoje pouco mais de 200 visinhos, gente pobre e miserável (sic) que vive do barco e rede sem ter outro tanto. No tempo dos godos, (ou dos suevos?) parece que era mui nomeada, pois nela se celebrou um concílio governando a Igreja de Deus. S. Leão Papa, que anda entre os mais com o nome de Aquis Celenis...

Interrompamos, por agora, a transcrição.

Este concílio é o que anda em méritos autores como realizado no ano de 447. Na tabela cronológica dos concílios celebrados em Espanha, Fortunato de Almeida insere-o neste ano com a indicação de "incerto"; e em uma nota diz que deste concílio não há outra memória além da referência que lhe é feita na acta do primeiro concílio bracarense (em 561) onde se lê:

"... o beatíssimo papa da cidade de Roma, Leão que foi, mais ou menos, o quadragésimo sucessor do Apóstolo S. Pedro, dirigiu suas Letras por Turíbio, notário da sua Sé ao Synodo (concílio) que se teve em Galliza, contra a impia seita de Friscilliano. E por seu mandado também congregando-se em Concílio os bispos Tarraconenses, Cartagineses, Lusitanos e Béticos; e escrevendo uma regra de Fé contra a heresia Priscilianiana, com alguns capítulos, a enviaram a Balconio então prelado desta Igreja Bracarense. E como aqui temos a mão um exemplar da dita regra de Fé, etc."

Como se vê, não se alude nem à data, nem ao lugar onde tal Concílio se realizou. Diz que foi na Galliza e nada mais. Compareceram bispos de terras muito afastadas mas o de Braga, Balcónio não esteve presente, nem nenhum da Galiza.

A insuficiência destas indicações foi, depois, aproveitada por uns e por outros, para dar como celebrado, este concílio em Águas Celenas, antiga ou Caldas de Reys ou em Águas Celenas, Fão conforme as conveniências duns ou doutros em "arranjarem" argumentos a seu favor nas renhidas polémicas que se travaram sobre a primazia da Igreja de Braga; frei Bernardo de Brito foi mais longe, "desencantando" na biblioteca de Alcobaça o processo completo de um concílio que — só na sua imaginação — se realizara em Braga no ano de 408.

É tal a confusão com que se enredaram estes concílios que o beneditino Pereira de Novais (ob. cit.) acabou por se enredar a si próprio. Depois de, no 1.º volume do Episcopologio (pgs. 216 e 217), ter dito, repetido e voltado a repetir que o concílio do ano 398 (imaginário, aliás, nem citado sequer na tabela cronológica mencionada acima) se realizara em Águas Celenas, antiga, cerca de Caldas de Reys; e o do ano de 447 "em Phau cerca de Braga", a pgs. 248 do mesmo volume remata dizendo:

"Rechila (rei dos suevos)... dio facultad para que el año de 447 se juntasse Concilio... en el lugar de Aguas Celenas, que es el segundo que alli se celebrio. Todo lo disse Lesitprando... et dat facultatem cogendi Concilium ad Aquas Celenas veteres, ut dictum est." E dá licença para celebrar Concílio em Águas Celenas antigas (Caldas de Reys) como ficou dito.

Frei Pereira de Novais também transcreve de Julian Perez o n.º 392 dos "Adversários" que deu origem à lenda da "civitas" de Águas Celenas no tempo dos romanos, ou mui nomeada no tempo dos godos como diz J. Cardoso por equívoco, porque em 447 ainda a Galecia estava ocupada pelos suevos.

POSTAIS DE BARCELOS

UMA NESGA DE LUAR...

O dia esteve tão quente que não pude trabalhar. Não pude dedicar-me ao estudo de problemas que me têm absorvido o espírito. Fiquei cansado, exausto, abúlico. O calor entorpece-me, tira-me a vontade, por mais que eu a reaja, de fazer seja o que for. Quis estudar, discurrir, concluir e... nada. Por fim desisti. Deixei para as horas calmas da noite. Tudo dormia. Um silêncio religioso permitia-me uma reflexão profunda e atenta.

Foi num momento destes que surpreendi, ali num recanto cidadão, dos mais lindos e históricos, recortando a silhueta de um monumento histórico, uma nesga de luar em que a beleza indiscreta andava aliada à poesia mais encantadora. Eu bem

sei que isto de poesia e de beleza são coisas muito subjectivas e que não faltará quem ria destas minhas desataviadas considerações, escritas sobre o joelho quando a lua envia seus raios tibios sobre a vastidão da natureza. A verdade é que, neste momento inolvidável, quis ser poeta para fechar num soneto, num poema ou numa simples quadra, aquela expressão de encanto tão rara e tão peregrina; quis ser artista, um pintor de sensibilidade esmerada, para deixar na tela esse raio de etérea beleza; quis, pelo menos, ser um prosador de recursos, com chave que penetrasse no segredo das palavras para, com estas, dizer o que senti na alma, no espírito no instante dessa noite de magia.

NOTAS PESSOAIS

Decorreu com muito brilho a conferência que a distinta professora Dr.ª Maria da Glória Pinheiro proferiu no Externato D. António Barroso a propósito do ultramar.

— Realizou-se, com muita concorrência de fiéis, a conclusão do mês de Maio no Templo do Senhor da Cruz. Foi orador o Snr. Prior de Barcelos.

— Foi nomeado presidente da Comissão Concelhia da União Nacional deste concelho o ilustre Professor Universitário Dr. Nunes de Oliveira.

— Foi inaugurado, com a presença das autoridades Distritais e concelhias, a luz eléctrica em Santa Eugénia.

— Tomou parte em Lisboa, na reunião dos Municípios, o nosso ilustre Presidente da Câmara Dr. Novais Machado.

Da rixa e suas consequências

(Continuação da página 1)

E revelam muitas vezes um aspecto condenável, quando certos indivíduos principiam toda uma tenebrosa campanha de difamação, de intriga e de mau clima, processada através de artigos aparentemente inofensivos, piadas ligeiras, e que se apresentam então para cumprimento de um plano de vingança cega e a exalar ódio, que tem por fim não o aclarar de ideias, não o desfazer de dúvidas, mas tão somente o atacar fulano ou cicrano.

Não entrando agora nos pormenores dessas por vezes fragorosas rixas, e não o fazemos até porque reaceamos aproximamo-nos de qualquer caso concreto, (e nós estamos aqui a tratar do assunto numa forma geral), analisemos agora as suas consequências.

É quase regra que as duas partes saíem bastante mal feridas do encontro. Geram-se então estados de fúria que redundam num despejo do *curriculum vitae*, geralmente no que ele tem de irrecomeçável. O pretenso fim da polémica é logo desviado. E as duas partes mais se engolfinham, tentando unicamente ferir-se já. Aquela imagem de rixa que apresentamos no início está aqui outra vez presente: duas mulheres que se rasgam, que se insultam, que se ferem, eis a imagem de uma polémica caseira. Observemos depois os cabelos arrancados, as esquimoses no rosto, nos membros, a roupa rasgada, os pecados descobertos: essas as consequências.

Muitos não vêem isto; uma certa escumalha de críticos não raciocina que a luta não vai beneficiar alguém. Antes a terra irá ressentir-se destes «barulhos» que constantemente a enfraquecem. Mas, à semelhança de animais famintos de sangue, aplaudem, incitam, tomam partido sem lhes assistir um mínimo de bom senso e ponderação.

Temos cá desses críticos remendados que ainda por descarro se dizem bairristas.

E, como atrás se disse, é a terra mãe a principal prejudicada. Estas lutas fraticidas casam ódios profundos, insuperáveis, que desafiam anos e gerações. Resulta em consequência uma dispersão de forças que fatalmente, inexoravelmente, se vai reflectir nos destinos do povoado. Esta parece-nos quanto a nós, a mais funesta consequência. Poucos se apercebem, porém, deste mal tremendo. E se um jornal não trás briga, não redige uns remoques, não fere outrem, logo certos levianos comentam: «hoje não presta».

Dentro deste pensar vivemos nós e é com máguia que o registamos.

De luto

Pelo falecimento de seas pais, Sr.ª D. Joaquina de Jesus Afonso Branco e Sr. Prof. José Rodrigues, encontra-se de luto o Senhor Prof. José Pio Rodrigues, ilustre Presidente da nossa Junta de freguesia.

A toda a família dorida envia O Fanguero o seu cartão de sentidos pásames.

P.ª JOB TEIXEIRA

(Continuação da página 1)

exteriormente parecem existir, do pranteado Professor do Seminário de Nossa Senhora da Conceição, de Braga. Mestre de Matemática, cultíssimo, exigente no rendimento dos alunos, usava um aspecto severo apenas para obrigar os discípulos a uma assídua aplicação ao estudo, que superava, depois, com um constante desejo de dar notas que não viessem complicar, mais tarde, a vida do estudante, adentro, claro, dum plano de justiça que a si próprio se impusera.

Não posso esconder que, no meu tempo do Seminário, corria entre os alunos esta legenda: «O Padre Job é que é mau!» Este dito, gerado pela incompreensão dos nossos pequenos cérebros, expressava o constante cuidado do Professor para que sempre estudássemos, progredíssemos nas Matemáticas. Nós víamos uma máscara; não descobríamos através dela uma alma límpida, um coração generoso e amigo.

Ora um dia em que nos encontrávamos numa aula de que era professor um outro zeloso sacerdote, o Padre João Linhares, houve alguém, que não sei agora por que motivo, soltou a generalizada legenda.

O professor olhou-nos, pensou um pouco e a seguir disse-nos: «você não conhecem o Padre Job; não sabem que ele é um dos padres mais vossos amigos e um dos sacerdotes mais bondosos do Seminário; nas reuniões de Professores é sempre ele que mais vos defende e faz quase o impossível para livrar a muitos duma inevitável reprovação.

Contou-nos a seguir que o Padre Job estendia todos os

lenda

am 01
447

na data
me
Raph

So ma ave
muy m...
cu p...
m...
B... 171

VARANDA DA PÓVOA DE VARZIM

Uma Conferência

CONSTITUIU um acontecimento in-vulgar a conferência proferida no salão nobre do Clube Desportivo da Póvoa, pelo Senhor Bispo-Auxiliar de Braga, D. Francisco Maria da Silva.

«Graduação da Felicidade» foi o aliciente e filosófico tema apresentado por sua Ex.^a Reverendíssima, que no final do seu valioso trabalho foi demoradamente aplaudido.

Está de parabéns a secção cultural daquela prestigiosa colectividade, por ter tido a honra de receber na sua sede uma alta figura da Igreja.

O Sr. Tenente-Coronel José Diniz Morão, fez a apresentação do conferencista, sublinhando o carinho que o Snr. Bispo-Auxiliar dedica à Póvoa do Mar.

Belo trabalho e iniciativa feliz do Clube Desportivo da Póvoa.



Cliché focando o Senhor D. Francisco Maria da Silva a proferir a conferência

APONTAMENTOS

Foi colocado na comarca de Agende como Delegado do Procurador da República o ilustre pòveiro Snr. Dr. António César Marques. As nossas felicitações.

— Na Ordem da Trindade, foi submetido a uma melindrosa operação o zeloso funcionário da Caixa Geral dos Depósitos, nesta vila, Sr. João Raposo. A este nosso particular amigo, desejamos um pronto restabelecimento.

— A Comissão Municipal de Turismo abriu concurso para atribuição de um prémio de 2.000\$00 e quatro de 500\$00 aos autores dos melhores artigos sobre a praia da Póvoa de Varzim, insertos em publicação periódica, na-

cional ou estrangeira, durante o período de 1 de Janeiro a 20 de Setembro do corrente ano.

Os concorrentes devem entregar naquele organismo 5 exemplares da publicação, até 20 de Setembro.

— A Sociedade Columbófila, prestou homenagem ao seu falecido sócio, Carlos Alberto Morim, descerrando na sua sede uma fotografia, no decorrer de uma sessão solene.

— O Largo Dr. David Alves, vai ser calcetado a cubos, melhoramento há muito reclamado.

— A filial do Banco Português do Atlântico, remodelou o interior do seu edifício, e colocou na sua fachada um vistoso reclame luminoso.

— Segundo nos informou

um vereador da Câmara Municipal, o lugar de S. Lourenço, na freguesia de Terroso vai ser bafejado com a luz eléctrica. As obras — dissenos — terão início em Setembro ou Outubro do ano corrente. Registamos com entusiasmo o futuro melhoramento, que vem satisfazer uma antiga aspiração da sua laboriosa população. O Fangueiro ao assunto tinha dedicado carinhosa atenção.

— Com grande número de devotos, realizou-se a peregrinação do Santuário de N. Senhora da Saúde, na freguesia de Laundos.

— Reabriu o Monumental Casino, que apresenta bons números de variedades e uma boa orquestra.

C.

dias no beiral da janela de seu quarto pão esmigalhado e milho onde os passarinhos e pombas encontravam sempre comidinha certa.

E disse mais aquele sacerdote com promessa nossa de que nada revelaríamos.

Assim, inesperada e surpreendente, o Padre Job for-nos revelado. Um novo e confortante sentimento nos inundou a todos em relação à pessoa do Professor de Matemática. E quando horas depois entrava, vestindo o tradicional Capote do Alentejo, para dar mais uma aula, não percebeu a enorme onda de ternura com que o contemplávamos; a sua figura, que agora sentíamos bondosa, amiga

Visado pela Comissão de Censura

e afável, era olhado como até aí nunca o fora. Ele não deu por nada, que nós cumprimos a promessa do silêncio, sendo eu, segundo creio, a primeira pessoa a revelá-lo, passados que são mais de quinze anos.

Estas simples palavras, aqui referidas, expressando um sentimento pessoal de admiração, exprimem também, em nome dos antigos seminaristas de Fão, todo um agradecimento à sincera amizade que o Padre Job a todos dedicava.

Um antigo seminarista

Partidas

Com destino a Lisboa, ingressando no navio da nossa marinha de guerra «Corte Real», partiu no passado dia 2 o Snr. José Maria de Sousa Marinha.

— Também no dia 3, seguiu com destino à Capital, o Senhor Manuel Sequeira e família.

Quando tomava banho

Quando tomava banho, na nossa praia, correu o risco de perecer afogado, um inglês, que se encontrava hospedado no Hotel Ofir.

Reunião Ordinária da Câmara

DE 2 DE JUNHO DE 1959

VEREADORES:

OFÍCIOS:

1.º — Do Chefe da Repartição da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, de Lisboa

Comunica que até ao dia 30 do corrente deve ser efectuado o pagamento da 1.ª prestação do empréstimo de 400 contos, na importância de 14.622\$30.

Pague-se

2.º — Do mesmo

Comunica que até ao dia 24 do corrente deve ser efectuado o pagamento da 13.ª prestação do empréstimo de 300 contos, na importância de 13.859\$80.

Pague-se

3.º — Do Eng.º Director de Urbanização do Distrito de Braga

Comunica que foi concedida a comparticipação de 124.100\$00 para as obras de «Reparação da Estrada Municipal de Antas a Forjães — 7.ª Fase», com o seguinte escalonamento: no corrente ano 49.100\$00 e no próximo ano 75.000\$.

A Câmara deliberou abrir concurso para a execução desta obra.

4.º — Do Presidente da Junta de Freguesia de Mar

Pede lhe seja concedido o subsídio de 1.500\$00 para a construção de um aqueduto naquela freguesia, que já havia sido solicitado no ano findo, e que segundo informação da Câmara se devia aguardar melhor oportunidade.

No momento presente é impossível satisfazer este pedido por absoluta falta de verba.

5.º — Do presidente da Junta de Freguesia de Fonteboia

Pede lhe seja concedido o subsídio de 2.000\$00, prometido no ano findo, para a obra de: «Reparação do Cemitério da freguesia de Fonteboia».

A Câmara delibera por unanimidade conceder o subsídio pedido.

6.º — Do Governo Civil do Distrito de Braga

Solicita que seja acolhido com o melhor interesse o pedido de assinatura do «Anuário do Turismo Português», dada a categoria da obra e a matéria nele versada, o qual vai ser editado dentro de 2 meses.

Inteirada

7.º — Do Vice-Consul de Portugal em Curitiba-Paraná-Brasil

Comunica que na cidade de Curitiba vai realizar-se um Festival Folclórico durante os dias 6 a 10 do próximo mês de Julho, sendo-lhe mui grato a representação naquele Festival dos grupos folclóricos deste concelho. Assim, e em nome da comissão do mesmo Festival, roga o favor da oferta de 2 ou mais trajes, masculino e feminino dos grupos existentes neste concelho, bem como de uma fotografia ou postal, onde possa ser observada a maneira de vestir os trajes.

Apesar de toda a boa vontade desta Câmara em satisfazer o pedido é lhe completamente impossível por falta de verba.

8.º — Do Eng.º Director de Urbanização do Distrito de Braga

Comunica que foi concedida a comparticipação de 25.900\$, como complemento da já concedida anteriormente, para a execução da obra de: «Reparação da Estrada Municipal de Antas a Forjães — 6.ª Fase», tendo o prazo da referida obra sido ampliado para 30 de Junho do próximo ano.

Inteirada

9.º — Do mesmo

Comunica que foi concedida a comparticipação parcial de 150.000\$00, assim escalonada: 1959—75.000\$00; 1960—75.000\$, por conta da comparticipação total de 163.500\$00, destinada à execução dos trabalhos de: «Reparação e beneficiação da Estrada Municipal entre a Estrada Nacional 305 (Barca do Lago) e a Estrada Nacional 13 (Fão) por gandra — 2.ª Fase», devendo os mesmos trabalhos ficarem concluídos até 31 Dezembro do próximo ano.

A Câmara deliberou abrir concurso para a execução desta obra.

10.º — Do Presidente da Junta de província do Minho

Comunica que aquela Junta de Província vai dar início às diligências necessárias à execução da obra de «Construção do edifício para a Colónia Marítima de Férias, para menores, em Esposende», pelo que pede à Câmara para informar se é possível obter-se, nas imediações da praia de Suave-Mar, a área de terreno indispensável, que se calcula em cerca de 10.000 metros quadrados. Em caso afirmativo, agradece seja indicada a localização exacta do terreno, ou dos terrenos, ao fim em vista, bem como os nomes e moradas dos respectivos proprietários, e ainda, para estudo preliminar, pede o fornecimento duma plantá topográfica ligeira de cada um dos terrenos. Por fim esclarece que os terrenos devem obedecer às seguintes

ANA FERNANDES PEDROSA AGRADECIMENTO

A família, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que directa ou indirectamente manifestaram o seu pesar pelo infausto acontecimento.

condições: a) — não distarem da citada praia mais que 200 metros, por caminhos públicos; b) — serem fortemente arborizados e abrigados dos ventos dominantes, sobretudo os do estio; c) — terem fácil acesso por estrada ou por caminho com 4 metros de largura mínima, adequados ao trânsito automóvel; d) — ser de nível, ou que não impliquem a construção de elevados muros de suporte de terras, ou grande movimento de volumes para terraplanagem; e e) — o subsolo terá que ser firme, estável, por forma que não obrigue a fundações dispendiosas; não se aceitam terrenos de aterro, mesmo antigo, húmidos, alagadiços ou inundáveis. A Câmara deverá comprometer-se a: 1) — promover o abastecimento de água para limpeza do edifício, lavagem de roupas e usos domésticos, para cerca de 150 pessoas, durante 3 a 4 meses, por ano, no verão; 2) — proceder ao transporte, ligação e fornecimento da energia eléctrica necessária; 3) — construir um acesso, tipo estrada municipal, a betuminoso ou calçada à fiada, no caso do terreno que vier a ser escolhido não dispuzer; e 4) — a proceder à urbanização do local. Espera esta Junta de Província devar à Câmara a melhor atenção a este assunto, dado o custo da obra que se estima em mais 1.500 contos e a valorização que trará a este concelho e, especialmente, à sua sede, nos aspectos patrimonial e comercial, visto ser mais um importante imóvel a enriquecer o concelho, cujo funcionamento da Colónia irrigará anualmente o comércio local com largas dezenas de contos.

A Câmara deliberou por unanimidade satisfazer as condições pedidas no ofício em questão da Junta de Província do Minho respeitantes à construção da Colónia de Férias e fornecer quanto antes a planta topográfica.

Requerimentos

1.º — De Maria Alves Ribeiro, da freguesia de Antas
Pede licença para construir um coberto da eira, no lugar de Guilheta, da mesma freguesia. O Consultor Técnico informa que o pé direito deve ser de 3 metros no mínimo.

Deferido segundo a informação

2.º — De Teresa de Jesus Viana, da freguesia de Marinhas
Pede licença para construir uma vão de janela, reparar a chaminé e substituir a telha da cobertura de sua casa, no lugar de Rio de Moínhos, da mesma freguesia. O Consultor Técnico informa que a janela deve ser semelhante às existentes e manter os alinhamentos de padieiras e peitoris.

Deferido nos termos da informação

3.º — De Adelino Gomes da Vinha, da freguesia de Apúlia
Pede licença para construir um coberto de lavoura, de harmonia com o croquis junto, no lugar de Paredes, da mesma freguesia. Tem parecer favorável da Fiscalização de Obras.

Deferido

4.º — De Rosendo dos Santos Portela, da freguesia de Curvos
Pede licença para construir uma escada de servidão na fachada de sua casa e substituir a cobertura de um coberto, de harmonia com o projecto junto, no Lugar de Frossos, da mesma freguesia. O Consultor Técnico informa que deve ser mantido o alinhamento existente.

Deferido nos termos da informação

5.º — De Manuel Martins Viana, da freguesia de Antas
Pede licença para construir um muro de vedação, no lugar de S. Paio de Cima, da mesma freguesia. O Consultor Técnico informa que o alinhamento deve ser dado pelo Fiscal de Obras.

Deferido nos termos da informação

6.º — De Virgílio Ferreira Torres, da freguesia de Marinhas
Pede licença para construir uma casa, de harmonia com o projecto junto, no lugar de Pinhote, da mesma freguesia. Tem parecer favorável do Ex.º Subdelegado de Saúde e o Consultor Técnico informa que deve ser apresentado o termo de responsabilidade.

Deferido nos termos da informação

7.º — De Armando Ferreira da Costa, da freguesia de Forjães
Pede licença para construir uma casa, de harmonia com o projecto junto no Lugar de Neiva, da mesma freguesia. Tem parecer favorável do Ex.º Subdelegado de Saúde e o Consultor Técnico informa que deve ter de pé direito 2,80 metros.

Deferido nos termos da informação

8.º — De Artur Arantes de Oliveira, da freguesia de Forjães
Pede licença para construir uma casa, de harmonia com

Deferido nos termos da informação

o projecto junto, no lugar de Neiva, da mesma freguesia. Tem parecer favorável do Ex.º Subdelegado de Saúde e o Consultor Técnico informa que o pé direito deve ser de 2,80 metros.

UMA TÁBUA VOTIVA

Ocorre no dia de Corpo de Deus mais um aniversário da milagrosa aparição de uma cruz, desenhada no chão, na freguesia de Balazar, do concelho da Póvoa de Varzim — a terra da conhecida mártir Alexandrina. O povo que vinha da missa primeira desse dia santificado de 1832 divisou no cômodo do Calvário uma cruz nitidamente descrita na terra, de cor mais clara que esta, que o abade se apressou a mandar varrer, para comprovação do milagre, sem que a mesma se desvanecesse.

A nova espalhou-se como um relâmpago. Não tardaram a afluir romeiros, devotos da Santa Cruz Aparecida, oriundos, sobretudo, da corda marítima. E não tardaram a revelar-se os milagres obtidos por sua intercessão.



(Por amável deferência do Sr. Fernando Barbosa, Director do Museu Etnográfico da Póvoa de Varzim)

Numa exposição dirigida ao prelado bracarense pelo reitor de Balazar, em Agosto daquele ano, relata-se, como prodígio sobrenatural, que *huma mulher da freguesia da Apulia que tinha um dedo da mão aleijado, effeito de um penaricio que nella teve tocando a Cruz com o dito dedo repentinamente ficou sem movendo e indreitando o dedo como os outros da mesma mão.*

A gravura que reproduzimos representa um outro milagre da Santa Cruz de Balazar, operado na pessoa da fangueira Rosária da S. Lopes, e por esta miraculada perpetuado numa tábua votiva que hoje se guarda no Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa de Varzim. Reza a sua legenda, bastante delida: *Milagre V. fez esta S.ª Cruz de Balazar a Rozaria da S.ª Lopes M.ª de Jozé Joaq.ª Card.ª da Villa de Pão q. padecendo hua infermd.ª d'olhos f. (sic) espaço de 10 a.ª tendo gastado imenço cabdal em Medicos e banhos apegou-se com esta S.ª Cruz, e alcançou saúde no de 1837.*

Casamentos

Realizou-se no dia 13 do corrente, no santuário de Nossa Senhora da Saúde, da freguesia de Laundos, o enlace matrimonial da gentil menina Maria Joaquina Carvalho da Silva, extremosa filha no nosso assinante na Póvoa de Varzim, Sr. Prof. António J. Ferreira da Silva e de sua esposa D. Ermelinda Ferreira de Carvalho, com o Sr. Armando Pessoa dos Santos, natural de Lousã e comerciante em Angola.

Após a cerimónia religiosa, foi servido aos numerosos convidados um lauto almoço num dos restaurantes da Vila, findo o qual os noivos partiram para o sul em viagem de núpcias.

O Fangueiro deseja ao simpático casal as maiores felicidades.

— Na igreja de S. Domingos, em Viana do Castelo, realizou-se o casamento da gentil menina Carolina Dias de Sousa com o nosso querido amigo e conterrâneo, Senhor Flávio da Silva Ramos, ausente em África, que por

esse motivo enviou procuração.

A noiva segue dentro em breve para Luanda onde irá juntar-se a seu marido.

O Fangueiro deseja ao novolar as maiores prosperidades.

Entre nós

Depois de algumas viagens ao norte da Europa, no navio «Borba», da Sociedade Geral, encontra-se, entre nós, de visita aos seus, o Sr. Manuel Martins.

Livraria MINERVA

Rua 5 de Outubro, 15

— Telefone 333 —

PÓVOA DE VARZIM

Livraria-Papelaria-Artigos Religiosos-Material Escolar

A mais recente e atraente Livraria da Póvoa.

Descontos aos Srs. Professores

o projecto junto, no lugar de Neiva, da mesma freguesia. Tem parecer favorável do Ex.º Subdelegado de Saúde e o Consultor Técnico informa que o pé direito deve ser de 2,80 metros.

Deferido nos termos da informação

Nascimento

Em Mira teve o seu bom sucesso, dando à luz uma robusta criança do sexo feminino, a Ex.ª Sr.ª D. Maria Celina Ferreira Areias Capitão, dedicada esposa do nosso particular amigo Dr. Orlando Martins Capitão, digníssimo Secretário da Câmara daquela vila.

O Fangueiro envia felicitações.

Aniversários

Fizeram anos:

MAIO

Dia 15 — A menida Maria Júlia da Costa Barbosa Faria.

Dia 16 — A menina Ivone Maria Fertes das Neves.

Dia 25 — José Oliveira da Silva e a menina Alice Ferreira Monteiro.

Dia 26 — D. Maria Adelaide Mendanha.

Dia 27 — A menina Maria Irene Cubelo Morais.

Dia 28 — D. Adelaide Matos Baptista, Manuel Ramos Ferreira, ausente em Africa, Floriberto de Melo Gavina, as meninas Julieta de F. Gomes e Esperança da Conceição Cubelo Morais.

Dia 30 — Lourival Emílio Carneiro Fernandes, ausente no Congo Belga.

JUNHO

Dia 2 — António Carneiro Solinho e D. Maria Odete Monteiro Carneiro.

Dia 3 — A menina Maria Amália Freitas Barreiro.

Dia 9 — D. Clarisse da Cruz Gonçalves Lima e Maria de Fátima da Costa Figueiredo.

Dia 11 — D. Rosália Cardoso Torres Saraiva.

Dia 13 — A menina Ilda Maria Ferreira Ribeiro.

Dia 14 — D. Hirandina Dias da Silva.

Dia 15 — Maria Torres do Monte.

Dia 16 — D. Maria José Fontes Ferreira.

Dia 17 — D. Argentina de Faria Gomes.

Dia 18 — Alice Torres do Monte.

Dia 19 — D. Zulmira Pinheiro Borda Rodrigues.

Dia 21 — D. Rosália Graciete Carneiro Fernandes Teixeira e Elvira Torres do Monte.

Dia 22 — José Luís da Silva Ribeiro e Rogério da Silva Brandão.

Dia 24 — D. Conceição da Piedade Ferreira Soares.

Dia 27 — P.ª Avelino Pinheiro Borda.

Doentes

É bastante grave o estado da Sr.ª D. Margarida Lopes Pinheiro.

— Encontra-se também bastante doente a Sr.ª D. Elisa Carlos, esposa do Sr. Daniel Carlos, ausente na Venezuela.

— Da doença que as encomodou, já se encontram em restabelecimento, as Senhoras D. Maria Rosália Cardoso Oliveira e Maria Morgado Caseiro.

Esposende e o seu Termo

(Continuação da página 6.)

— O AGREGADO POPULACIONAL E OS SEUS PROBLEMAS — O leitor fica a saber que há, além do mais, ou do menos:

1. *Mau piso nos arruamentos e só agora a modernização feita em algumas ruas; más calcetas em ruas centrais e vielas de terra batida.*

2. *Crise de habitação e de instalações sanitárias; notória necessidade de casas (20 a 30) com 5, 6, 7, ou 8 divisões para instalação de funcionalismo e muitas famílias que hoje não dispensam um mínimo de comodidades e higiene, mas têm de sujeitar-se ao que existe. Não falta espaço, mas infelizmente, nada se tem feito no sentido de debelar esta crise. — Quem se?*

3. *Rede de esgotos deficiente.* Fora 2 ruas, onde houve recente benefício, o escoamento é feito no leito da rua para o rio.

4. *Água a 2\$00 o m³.* Consumo mínimo exorbitante, dando lugar a muitas reclamações. Mais uma vez, a vaca fria...

5. *Falta de saneamento,* pelo que a salubridade das casas é deficiente.

6. *Instalações sanitárias* — não existem para serviço público.

7. *Pobre mercado de distribuição diária de géneros* — há um.

8. *Lavadouros públicos cobertos* — há dois.

9. *Repartições públicas* — deficientemente instaladas.

10. *Cadeia comarcã* — péssimamente instalada e deve ser afastada da vida de Esposende. — Será porque não é necessária para alguém?

11. *Falta de jardins e árvores.*

Comentário:

— Se a maior parte destas alíneas passa sem anotações, nem elas as necessitam — contra factos... — um comentário, desde já se impõe: — Haverá diferença essencial entre um artigo escrito para ser publicado num jornal local e um outro, escrito para dar a conhecer aos estranhos a terra pela qual, de verdade e *desinteressadamente* nos interessamos? Porquê e para quê se escrevem artigos como este?

— VIAS DE COMUNICAÇÃO — excelentes — como se necessário fosse para levar a sítios tais!

A continuação do caminho de ferro Póvoa — Esposende — Viana — era de fundamental importância para a economia do concelho. Meus Senhores: — ideia luminosa!

Quanto a comunicações aéreas, o autor não dá notícia. — Onde aquela outra ideia luminosa dum campo de aviação em Gandra? Adiante...

— SERVIÇO DE SAÚDE — Hospital Valentim Ribeiro! — E Fão? Será que Fão não é do termo? Se termo é fim — como tudo leva a crer — ainda bem...

— RIQUEZAS REGIONAIS — *E' nas belezas com que a natureza dotou este concelho que de momento se pode tirar algum partido económico.*

— Faculdade de Economia do Porto, tantos de tal... Mas, qual se? Que se?

Para os desportistas da pesca lá vem a notícia: — *a pesca desportiva é inexistente no curso superior do Cávado, até porque constantemente são lançados criminosamente explosivos ou veneno para a apanha do peixe nos locais onde se faz a desova.*

Há testemunhas? Ou são afirmações gratuitas do jornalista?

Não se tem procedido a repovoamentos e o mesmo acontece com a caça.

O jornalista conhece os esforços da comissão venatória? Para os turistas: *Não existe parque oficial para acampamento.*

Mais: *Ainda se não explorou, para venda aos turistas, os artesanatos e pouco se protegeram os grupos folclóricos — Sargaceiros de Apúlia e Ronda de Vila Chã.* Também, quem se? Mar não é do termo?

Comentário:

— Idem, áspas.

— A Ex.^{ma} Câmara, a Comissão de Turismo, a Comissão Venatória e outros organismos, ficaram contentes com o escrito? Ou será que a verdade já não trás contentamento? Até que ponto, aquelas palavras estimulam a vontade de bem servir?

— Os turistas, os tais de quem se espera, por certo que ficaram com vontade de conhecer este jardim à beira mar plantado em que não existem sanitários, em que a cadeia comarcã deve ser afastada da vida da Vila e em que existem dois lavadouros públicos cobertos...

Para terminar, o conceituado jornalista diz:

E o concelho de Esposende é rico em belezas naturais.

Resta que os homens as saibam compreender e explorar com visão e sentido de um turismo prestigiante.

— Será este o acto de contrição em que o autor daquelas

CARTAS AO DIRECTOR

Snr. Director:

O jornal «O Cávado» é uma espécie de casino, onde só «os amigos jogam cartas».

Querendo eu desta vez «jogar a minha cartada» o Snr. Director do dito semanário, onde tenho colaborado, negou-me tal direito: o direito da legítima defesa. Sim, porque eu não posso ficar calado perante a tão despropositada carta de que fui alvo em «O Cávado» de 31 de Maio último. Foi então obrigado a dirigir-me a V., ciente de que O Fanguero não é um jornal unilateral, nem tão pouco, «jornal para amigos».

Eis, pois, a resposta à tal carta que «o amigo do amigo» se recusou a publicar por «amor» à lealdade jornalística e... ao «hotel da lenda»:

No jogo surgem, por vezes, cartadas muito descabidas e que apenas revelam tacanhês de espírito. Foi o que aconteceu com a «carta» do Sr. Sousa Martins, publicada no último número do semanário «O Cávado». O signatário jogou uma «cartada» muito infeliz!

Aquele meu elogio, allás merecidíssimo, ao «Camarido», parece que o irritou. Mas porquê? Demasiado amor a «Ofir»? Não sei; mas se é amor, é um amor muito explorador. É amor

de jovem a velha rica! (salvo seja).

Ofir é de facto uma zona de grande relevo no turismo nacional, mas que nos meios campistas, goza de mui fraca fama. O último Acampamento Nacional, lá realizado, e cuja duração seria de um mês, demorou apenas uma semana ou nem tanto. E porquê? Porque a Gerência do Hotel Ofir que fornecia o Acampamento, não teve vergonha de vender cada pão a 1\$00, cada litro de leite a 4\$00, cada ovo a 2\$00, etc., etc... É por estas e outras que o Campismo em Ofir é «muito comercial», como se ouve por aí.

Ofir não só não dispõe das «condições fantásticas do Camarido», como allás, não tem o mínimo de condições exigidas por um Campista (com letra maiúscula). Onde está a água? Onde estão as instalações sanitárias? Onde está a luz? Como daqui se depreende, Ofir está muito aquém do Camarido, (sem ser desmancha-prazeres!)

Ora imagine, Snr. Sousa Martins, que eu ia acampar ao pinhal de Ofir. Para me lavar, teria de servir-me do Rio Cávado; ora suponha que aparecia alguém «que me quisesse deitar ao Rio»? Está a ver o prejuízo! Mas felizmente sei nadar (não sou nenhum campeão!) Para que me afogassem, ter-me-lam de atar uma corda ao pescoço e na extremidade dessa cor-

da um calhau (no sentido próprio ou figurado).

Pois Snr. Sousa Martins, fique sabendo que o local onde se realizou o III Acampamento Nacional, e o melhor até, para a prática do verdadeiro campismo, o campismo oficializado, isto é, aquele que eu pratico (a minha Carta Campista tem o n.º 5443) é aquele que, infelizmente está vedado por ser particular. E foi precisamente nesse mesmo local que aqueles dois sócios do Clube de Campismo do Porto, acamparam e, onde se desenrolou a tragédia que em «O Cávado» de 5 de Maio p. p. descrevi, e que tanto irritou V. Ex.^a.

Há em Física um princípio que diz: «A uma acção opõe-se sempre uma reacção de sentido contrário, etc., etc.». Ora a acção era minha; e uma acção puramente construtiva, tendente a dar aos meus leitores, uma ideia de Campismo. A reacção é de V. Ex.^a; uma reacção puramente destrutiva, reacção sem fundamento, talvez uma boa ocasião para proclamar bem alto o denodado amor que V. Ex.^a nutre pelo Ofir.

E agora, para terminar, e sem fazer descer do meu «tão grande poder literário e humorístico» apetece-me exclamar: «Realmente, perdem-se às vezes boas ocasiões de se estar calado!»

Um campista

Falecimentos

No passado dia 7 de Junho, pelas 6 horas da manhã, na casa de seus pais, em Póvoa de Varzim, faleceu a menina Maria da Conceição de Melo Gavina, extremosa filha do Snr. António dos Reis Gavina, 2.º Sargento reformado, e da Ex.^{ma} Snr.^a D. Olívia Rosa de Melo Gavina.

A extinta, que em todas as pessoas conhecidas deixou uma profunda saudade era ainda irmã das Snr.^{as} D. Maria Emília Pereira de Melo Gavina, casada com o Snr. Silvino de Oliveira, 2.º Sargento, Chefe da Manutenção Militar na cidade da Guarda; D. Maria Edith e D. Maria Odette Pereira de Melo Gavina e ainda dos estudantes Luís Alberto e Laurentino Floriberto de Melo dos Reis Gavina.

A família enlutada e dum modo especial à nossa dedicada colaboradora Odette Gavina apresenta O Fanguero a expressão do seu pesar.

— No passado dia 31 faleceu, com 75 anos, a Se-

linhas se retrata, depois daquela afirmação solene em que se lamentou de não haver *homens* em Esposende?

— Parece que não...

E. Hipólito Reis

nhora D. Guilhermina Morais Sacramento.

A extinta, que gozava entre nós das melhores simpatias, era mãe dos Snrs. Ernestino Morais Costa, inteligente secretário de Finanças em Vila Nova de Gaia e do Sr. Francisco Morais Costa, guarda-livros em Guimarães e tia do Sr. Manuel Sacramento, guarda-livros em Barcelos.

O seu funeral, que se realizou no passado dia 2, teve a acompanhá-lo grande número de pessoas, entre as quais de Barcelos e Guimarães.

— Faleceu, também, no dia 9, o Snr. António Alves Lopes, de 51 anos, solteiro, filho de António Alves Lopes e de Ana Domingues da Venda, (já falecidos) e irmão da Snr.^a D. Júlia Alves Lopes.

— No mesmo dia faleceu a veneranda Snr.^a D. Maria Josefa Angelina, que, ainda há pouco tempo, havia completado 100 anos.

A extinta era casada com o Snr. José Joaquim Teixeira (já falecido), mãe do Sr. Com. Augusto José Teixeira, Padre Job Teixeira (já falecido), D. Gracinda Teixeira Palmeira, Adelaide Teixeira e Belmira Teixeira Vilas Boas e avó dos Snrs. Augusto, Cândido Teixeira Palmeira, José Maria Teixeira e da Snr.^a D. Maria José Teixeira Costa, esposa do Snr. José de Araújo Costa.

O seu funeral realizou-se no dia 11, incorporando-se

DESPORTO

No campo de jogos Artur Sobral realizaram-se os seguintes encontros:

Dia 31, visitou-nos a 1.ª categoria e as reservas do Torção F. C. de Gaia, aos quais ganhamos em iguais categorias por 2-1 e 4-3, respectivamente.

Antes de começar o encontro, foi guardado um minuto de silêncio, por ter falecido a avó dos atletas Né, Gustavo e Valdemar.

No dia 7, defrontamos os Águias Sport C. de Gaia, aos quais ganhamos por 7-1.

Vendem-se

Duas casas, uma térrea e outra torre, electrificadas, na Rua Serpa Pinto, 101, em Fão, com quintal que cobre uma área de 2.000 metros, todo coberto a vinha, com grande pomar e algum bravió.

Motivo retirada para o Brasil. Ver a qualquer hora.

no préstito grande número de pessoas de fora.

A urna, que foi transportada pelos nossos bombeiros, foi depositada num jazigo de família.

A todas as famílias enlutadas apresenta O FANGUEIRO o seu cartão de condolências.

DA MARGEM DIREITA

Sagem pré-romana do Cávado na Barca do Lago

Pelo Dr. E. R.

DE sempre o homem procurou a água. A existência de recursos de água permanente, é naturalmente, a primeira condição para uma real fixação.

A bem dizer, — e porque nesta nossa região de Entre Cávado-e-Neiva não falta esse elemento essencial, — o homem quase involuntariamente se fixou.

De um lado, o Atlântico como grande regulador. Do outro, os dois rios esposendenses — Cávado e Neiva, a dar os valores da sua circulação hidrográfica. Os dois rios regem o rico e harmonioso sistema de formas e energias. O mar rege as ricas formas litorais. E umas e outras se conjugam intimamente.

Assim, desde remotos tempos a região aparece povoada. Basta atentar na história não escrita dos velhos caminhos e aldeias, da etnografia e do tesouro da língua. Junto ou perto dos dois rios há que situar os povos. Essas primitivas povoações, sabemo-lo bem, são o núcleo das actuais.

Os povoados empoleiravam-se nos altos. O que primeiro se exigia era situação desassombada. O estado de beligerância era permanente entre as diversas tribos vizinhas. Quantas e quantas vezes não seria a guerra em discussão dos direitos sobre o mesmo monte ou o mesmo rio. Que nos diriam os castros de Laundos, Rio Tinto, S. Lourenço, Belinho, Neiva, etc., se pudessem falar...

Os seus habitantes permutavam-se os produtos da terra e os animais de criação, contra o sol e outros géneros de primeira necessidade. Este intercâmbio pressupõe uma incipiente vida de relação. Os caminhos que o possibilitam seriam adaptados ao relevo, quase segundo a lei do mesmo: evitar as dificuldades ou, ao menos, reduzi-las a um mínimo.

Nesta nossa zona de interesse, zona litoral, deparava-se desde logo, com uma dificuldade que era um sério obstáculo: o rio Cávado. Como vencê-lo?

Numa e noutra margem havia povoações. Os seus povos mobilizavam-se constantemente. Por isso, não podemos duvidar que, os povos pré-romanos, quaisquer que tenham sido, atravessavam o rio. Mas onde? Em que ponto do Baixo Cávado — e é só este que agora interessa — se fazia a travessia?

O lugar onde habitualmente embarcariam e desembarcariam os povos, devia ser um ponto que facilitasse a passagem e onde os caminhos iam dar. Alguns deles ainda estão vivos e são autênticos monumentos dignos de respeito e amor.

Esse lugar, localizámo-lo na Barca do Lago, o Porto de Gonduffi medieval. É uma hipótese que não parece muito ousada. Uma passagem do Cávado Litoral, é mais que provável: é certa. No local onde a colocamos, é possível.

Assim, em princípio, aceita-se uma passagem pré-romana do rio Cávado, num ponto que nada se afasta do actual sítio da Barca do Lago.

Esposende, 7 de Junho de 1959

Presidente da Câmara

Desde há dias, que se encontra doente, o nosso ilustre Amigo e dinâmico Presidente da Câmara Municipal de Esposende, Snr. António da Costa Leme.

Que se restabeleça em breve, a bem do Concelho, são os votos muito sinceros de todos quantos trabalham no nosso jornal.

A Fotografia

«INERTE E INEXPRESSIVA?»

Por A. SOUCASAUX

(Continuação do número 30)

QUE lhe faltava?

Muitos confundem, baralham o natural com o artístico.

Com a minha memória dos 85, julgo ter fixado o que nas suas memórias deixou relatado o grande Coquelin. Era protagonista em certa peça e o papel cominava-o a simular o sono em final de acto. Sucedeu, porém, que tinha passado uma noite de pura boémia e... dormiu de verdade. Pois um crítico comentou que ele « não tinha dormido naturalmente... »

Mantegaza, num dos seus livros, contou, mais ou menos, que certa dama ao apreciar um ramo de flores naturais se expressou assim: « Que lindas! Parecem artificiais! »

O Fotógrafo tem de possuir alguns conhecimentos de química, de física, de desenho; hábitos de sociedade; certa cultura literária e... de se subordinar à psicologia. Muitas responsabilidades a suportar. Por exemplo: na composição de um grupo. Há-de simultaneamente atender à luz e ao fundo. E surge aquilo que poderei chamar uma *tragédia*... A posição ou atitude das mãos! Disse-me em certo momento o Mestre João Augusto Ribeiro: « Verifique que toda a Mulher bonita, em regra tem lindas as mãos ».

E o retoque? Da Alemanha, e para « A Ilustração Moderna », a propósito de modestas apreciações dum certamen de Arte Fotográfica, comentei, entre outros pormenores, este: que a maioria dos que manuseiam o lápis sobre o negativo, no retoque, o fazem de tal jeito, tão atribiliariamente, que a personagem em causa, possuidora de ângulos faciais dilatados, nos surge por fim bochechuda, tal e qual como sucede nos bonecos infantis, de borracha, em que, por compreensão se lhe introduziu ar... Temos a impressão de que o *camarada* reclama nos lábios um autêntico trombone de varas!

Todas as operações, de acordo com a óptica e a devida distância do modelo; a natureza do material a impressionar; a revelação; a cópia; a superfície do papel; a entonação; o corte! Tudo isto tem de ser coordenado.

Um só destes requisitos não observado, estraga o todo. Tem o Fotógrafo de marcar nitidamente aquilo que vinque a personalidade. Exemplos: o sorriso mordaz de Junqueiro, que apreciei de perto; o da bondade de João de Deus; a sisudez de Teófilo Braga; o ar de *sonhador antigo* de Arriaga; o grave de Herculano; o irónico de Eça...

Tem de convergir, portanto, muita atenção sobre o rosto. É de Goethe esta observação: « Quando pensamos coisas elevadas, a nossa fisionomia espiritualiza-se ». Mas o povo usa uma expressão semelhante: « Ao rosto acode o bem e o mal ».

Poucos se lembrarão da celeuma que, em velhos tempos, levantou o retrato de Antero, feito por Columbano. Mas na tormenta alguém deitou água na fervura. Foi Silva Pinto: « Columbano pintou-o de dentro para fora e de fora para dentro ».

(Continua no próximo número)

Esposende e o seu Termo

Apreciação de um artigo do

Snr. Dr. José Bernardino Amândio

A Revista MUNDO, cuja categoria e real valor estão fora de toda a discussão, publica no seu n.º 94, de 21 de Maio último, um artigo do Snr. Dr. José Bernardino Amândio *Esposende e o seu Termo*. Cinco belas fotografias — camisa lavada — ilustram aquela prosa infiltrada na costura, a duas colunas.

Porque, na verdade, o conjunto chamou a atenção e o amor filial (naquele termo nasci) ficou agradecido e magoado — eis em breves linhas o que, por bem, acho dizer:

— FOTOGRAFIAS — Piscina em Ofir — onde Ofir? — Rancho de Sargaceiros — naquela extensão de costas, onde?

— TÍTULO — Termo — quererá dizer apenas fim ou, pelo contrário, circunvizinhança? Na verdade, os títulos, muitas vezes, não dizem nada. Adiante — o melhor é ler...

— INTRODUÇÃO — Turismo: atenção de dirigentes e iniciativa privada. Não há naquele termo iniciativa de dirigentes?

Mais a diante, lê-se que o progresso também grita, na realização do *Hotel Suave Mar*, mas não se diz se há alguém que, por aqueles lados, serena e ponderadamente, fale. Realmente, é de gritos!

(Continua na página 5)

História Lendária Peninsular

Por A. FILIPE

HISPANO morreu sem filhos e tão chorado do seu povo que, para o lembrar eternamente, foi dada à Península o nome de Espana, em substituição de Ibéria. Sabendo disto, Hércules deixa a Itália e, carregado de despojos, volta novamente à Península e retoma a coroa que tinha dado a seu filho.

Todo o povo vibrou de entusiasmo com o herói, mormente os Lusitanos a quem muito se afeiçoara.

Ennobrecer o reino com muitas cidades, instruiu o povo nas artes de viver, e fundou um templo monumental onde mandou construir uma sepultura de prata para quando morresse. Foi o 11.º rei da Península.

Como também não tinha filhos, nomeou por sucessor o capitão das suas tropas — Héspero, que foi 12.º Rei da Península que, por algum tempo, se chamou Hespéria em homenagem ao seu nome. Todavia, nunca se tornou querido dos seus súbditos. Sabendo disto, o seu irmão Atlante Italo, governador da Itália, reúne um exército e vem destronar Héspero. Este, vendo que os súbditos o abandonavam, refugiou-se na Itália.

Atlante Italo foi pois o 13.º Rei da Península. Tornou-se muito querido dos nossos lusitanos. Entre eles viveu muitos anos e lhe nasceu uma filha a que pôs o nome de Roma que haveria de ser a fundadora da capital da Itália. Como Héspero, refugiado na Itália, amotinasse o povo, Atlante Italo entregou o governo da monarquia a seu filho Sic Oro e foi bater-se com seu irmão. Fazendo as pazes, Héspero morreu em seguida de morte natural e Atlante Italo ficou com o reino da Itália, enquanto sua filha Roma que levava consigo da Lusitânia, fundava uma cidade para si e para os lusitanos que não puderam regressar à pátria. Sem diminuir a fama de Rómulo e Remo, eis a origem da futura cidade dos Césares e dos Papas.

Sic Oro foi o 14.º Rei da monarquia Peninsular. Reinou 45 anos.

Sucedeu-lhe seu filho Sic Ano, 15.º Rei da Península. Como os lusitanos que viviam em Roma, fossem oprimidos pelos naturais, Sic Ano organizou um exército e foi vingá-los.

Foi neste tempo, que a jovem princesa Egípcia de nome Themura, brincando com as suas damas nas margens do Nilo, encontrou o Moisés das Escrituras a choramingar dentro duma cestinha.

A morte de Sic Ano foi proclamado rei Sic Celeu que foi o 16.º monarca da Península. Pouco tempo viveu entre nós. Indo para a Itália guerrear Dárdano que, fugindo-lhe para o Oriente, fundou a célebre Tróia donde Enelas fugiria com o pai às costas, a morte surpreendeu-o a meio da vitória. Chamando os seus capitães, fez-lhe saber que deixava o Reino a seu filho Luso que, mal acabou de enterrar o pai, embarcou com os soldados para a Península.

Luso foi pois o 17.º Rei da monarquia Hespana. Era muito dado à religião e ao culto divino. Amigo da paz. Detestava as guerras. Os súbditos que mais amava eram os da Lusitânia cujo nome deriva do seu. Ao cabo de 33 anos de governo, morreu, aí por 1.500, A. C. A sua morte foi chorada como nenhuma dos seus antecessores.

Sucedeu-lhe seu filho Sic Ulo, 18.º Rei da monarquia. Foi o contraste do pai. O seu prazer era construir armadas e exercitar soldados. E a ocasião não lhe faltou. Os antigos lusitanos que viviam em Roma pediram-lhe socorro. Indo lá, Sic Ulo mascarou os inimigos. De regresso, aportou na Sicília onde morreu. Não tinha filhos. Nele acabou a descendência de Osiris.

Quem canta nem sempre canta,

Quem sonha vive enganado

E a morte nunca o espanta

Pois vive sempre encantado.

António Baptista